

Capoeira, prática educacional e cinema: interloquções possíveis a partir do filme esporte sangrento

Robson Silva

Os debates acerca das práticas culturais de natureza educacional não-formais, tais como, a capoeira e outras manifestações ditas populares, têm assumido papel de destaque nas agendas de políticas públicas. Um dos veículos que favorecem a socialização destes debates é o cinema, no fomento de películas que centram seu foco nestas possibilidades.

Este o caso do, simples e belo, Esporte Sangrento!



Filme Esporte Sangrento

A capoeira, a muito tempo vem despertando o olhar de estudiosos e profissionais da educação que se preocupam em, por meio das práticas culturais não-formais, ou seja,

de natureza espontâneas, ditas populares, por terem nascido e se desenvolvido no seio das camadas populares, trabalhar conteúdos escolares a partir da realidade e da cultura próxima de seus alunos.

Isso porque trata-se de uma cultura afro-brasileira, criada e desenvolvida no Brasil pelo povo africano que aqui chegou escravizado,

inclusive, se transformando numas das principais armas de defesa desse povo contra o estado de opressão imposto pelos europeus colonizadores.



Jogo de Capoeira.

Com o passar dos anos, após ser perseguida e criminalizada oficialmente pelo Código Penal Brasileiro de 1890, que no

Capítulo XII, em seus artigos 402 a 404, trata da punição aos "vadios e capoeiras", essa arte/cultura assume em 2008 a condição de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, por meio dos "Saberes dos Mestres" e da "Roda de Capoeira" pelo IPHAN. Hoje, se encontra nos currículos oficiais de escolas, faculdades e universidades públicas, sendo objeto de estudo de pesquisas acadêmicas e científicas, envolvendo em sua práticas pessoas das mais diversas classes sociais, etnias, condições socioculturais, idade, gênero, opções religiosas, dentre outros.

A interlocução possível entre educação e cinema, tendo a capoeira como foco, pode ser vista de forma leve e reflexiva no filme *Esporte Sangrento*, que, apesar da péssima tradução de seu título no Brasil, não se trata de mais um filme de ação envolvendo lutas e artes marciais, mas de uma leitura sensível a respeito das possibilidades exitosas destas práticas em espaços educacionais formais. O filme aborda a jornada de Louis Stevens, interpretado pelo ator Mark Dascascos, um ex-militar que, de volta a sua cidade, é imbuído da tarefa de recuperar, da delinquência eminente, um grupo de jovens de sua região, para o qual se utiliza da capoeira, arte-luta que aprendeu no Brasil, se tornando uma espécie de mestre.

Os jovens, são retratados em várias situações escolares, no pátio, corredores e mesmo salas de aula e a capoeira aparece enquanto uma prática que se insere neste contexto, primeiramente causando surpresa por suas características, tais como acrobacias, gingado, chutes circulares e, acima de tudo, sua plasticidade e musicalidade, sendo que, aos poucos, consegue despertar o interesse e a vontade dos jovens em se aprofundar em seus fundamentos, princípios e valores, dentre os quais o filme trabalha de forma central o respeito, a empatia e a disciplina, tanto física, passando pelo cuidado com a personalidade, quanto de valores caros à formação humana destes



jovens.

Capoeira: aparelhagem social
Sem aprofundar outras questões que o filme se utiliza muito bem, por exemplo, os malefícios do envolvimento dos jovens com traficantes que objetivam os recrutar para seus vis serviços, o filme, de 1993, dirigido por Sheldon Lettich,

figura pouco conhecida nos círculos culturais massificados, nos desperta para o quão não cuidamos de nossa cultura, o quão não conhecemos, nem tampouco cultivamos aspectos identitários de nosso povo, visto que, como ressaltamos acima, somente em 2008 uma cultura tão rica e tão nossa foi tratada com o devido respeito, sendo que, muito antes disso, por meio de olhares de fora, de outras culturas e pessoas, a capoeira já era tratada com sensibilidade, respeito e

valoração exacerbada, coisas postas de maneira clara e evidente no filme, inclusive com muita delicadeza e respeito.

Fica aqui, além do convite para nos deleitarmos com um filme sensível e gostoso de se ver, o desafio para educadores, estudiosos, pesquisadores e pessoas em geral, o esforço da reflexão acerca das inumeráveis possibilidades educativas das práticas culturais, especialmente em contextos educacionais formais, e mais especialmente ainda, em locais em que o cuidado com nossas crianças e jovens se façam mais urgentes. O cinema cumpre com nobreza, por meio de *Esporte Sangrento*, o chamamento a essa postura.